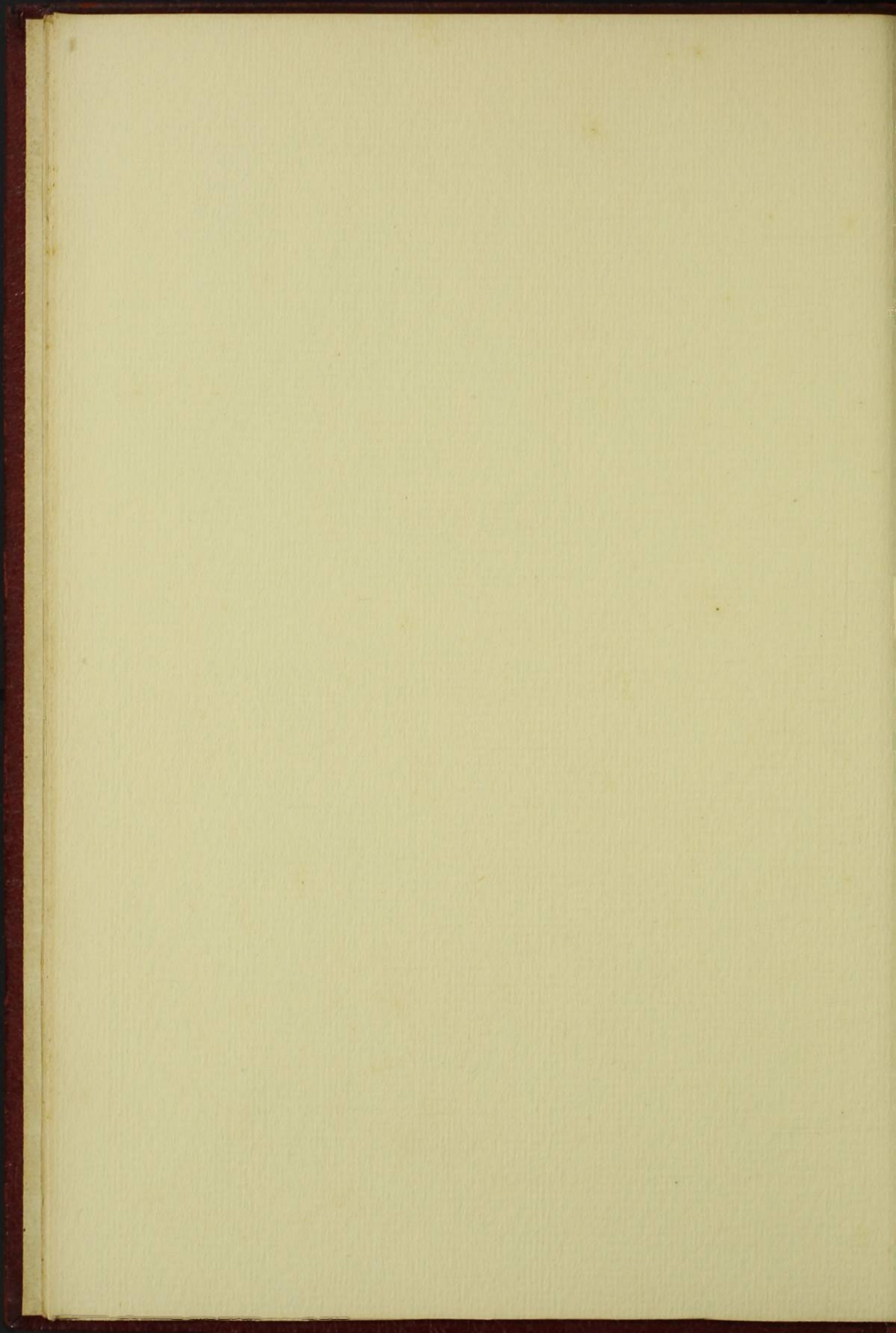


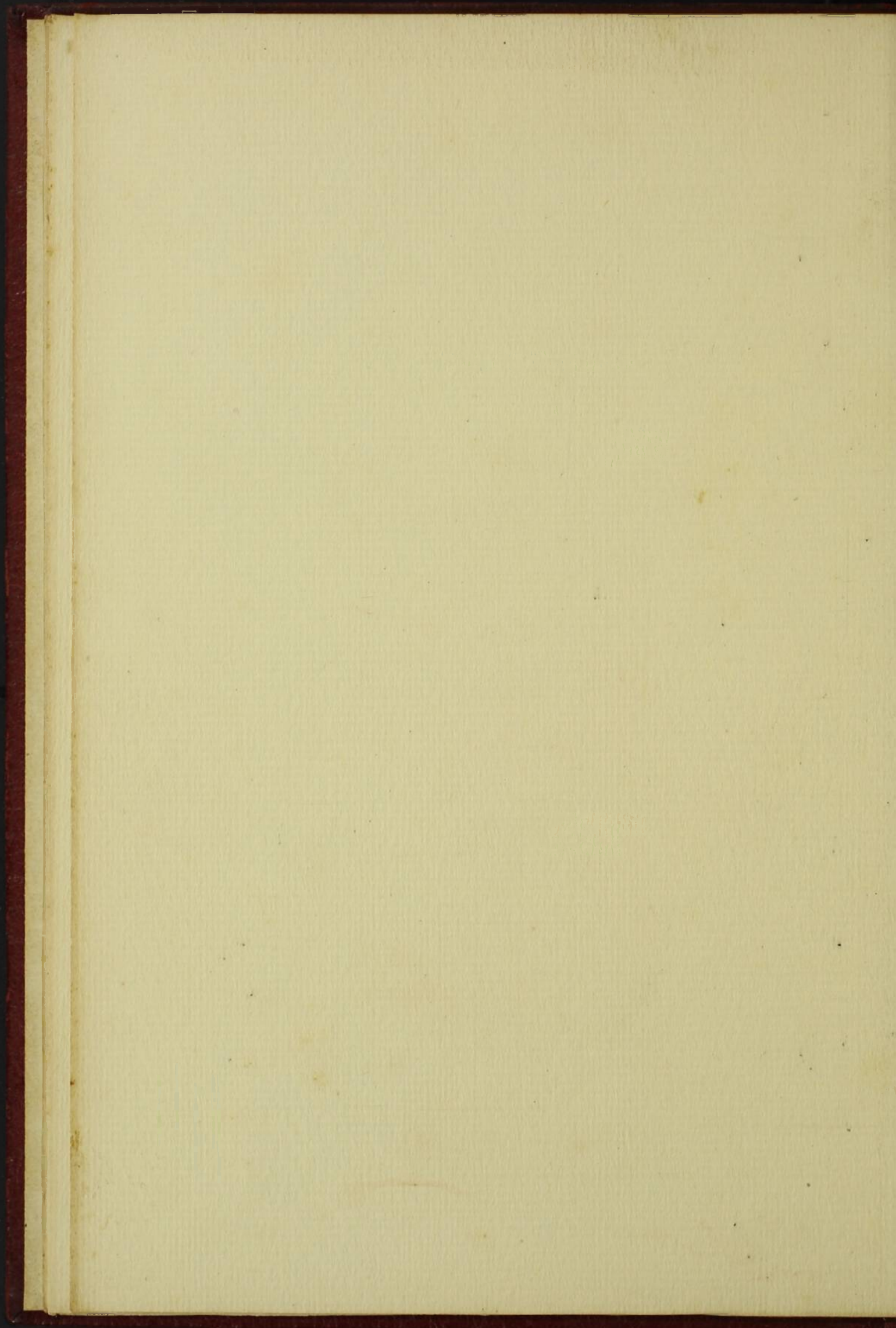
Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

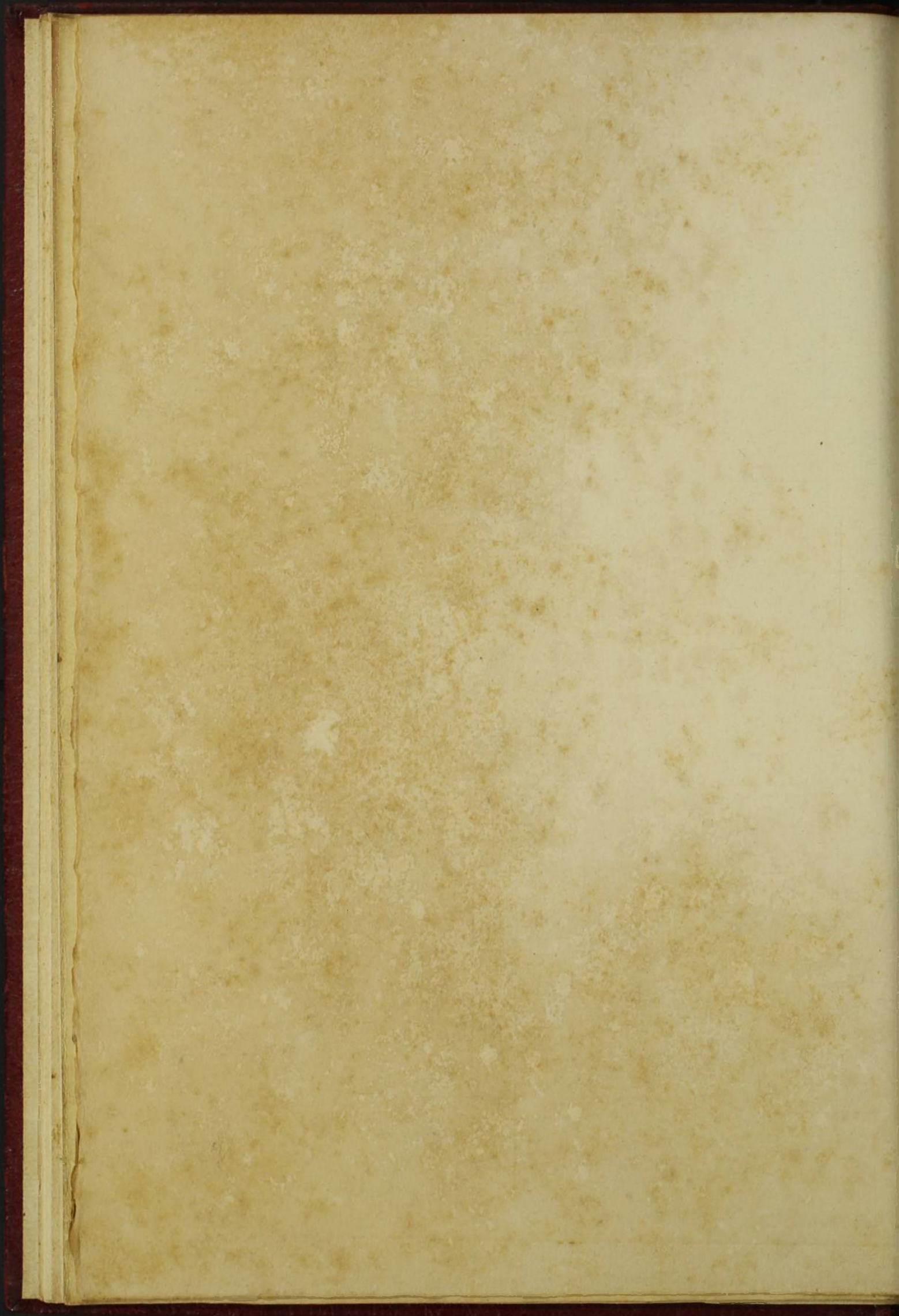


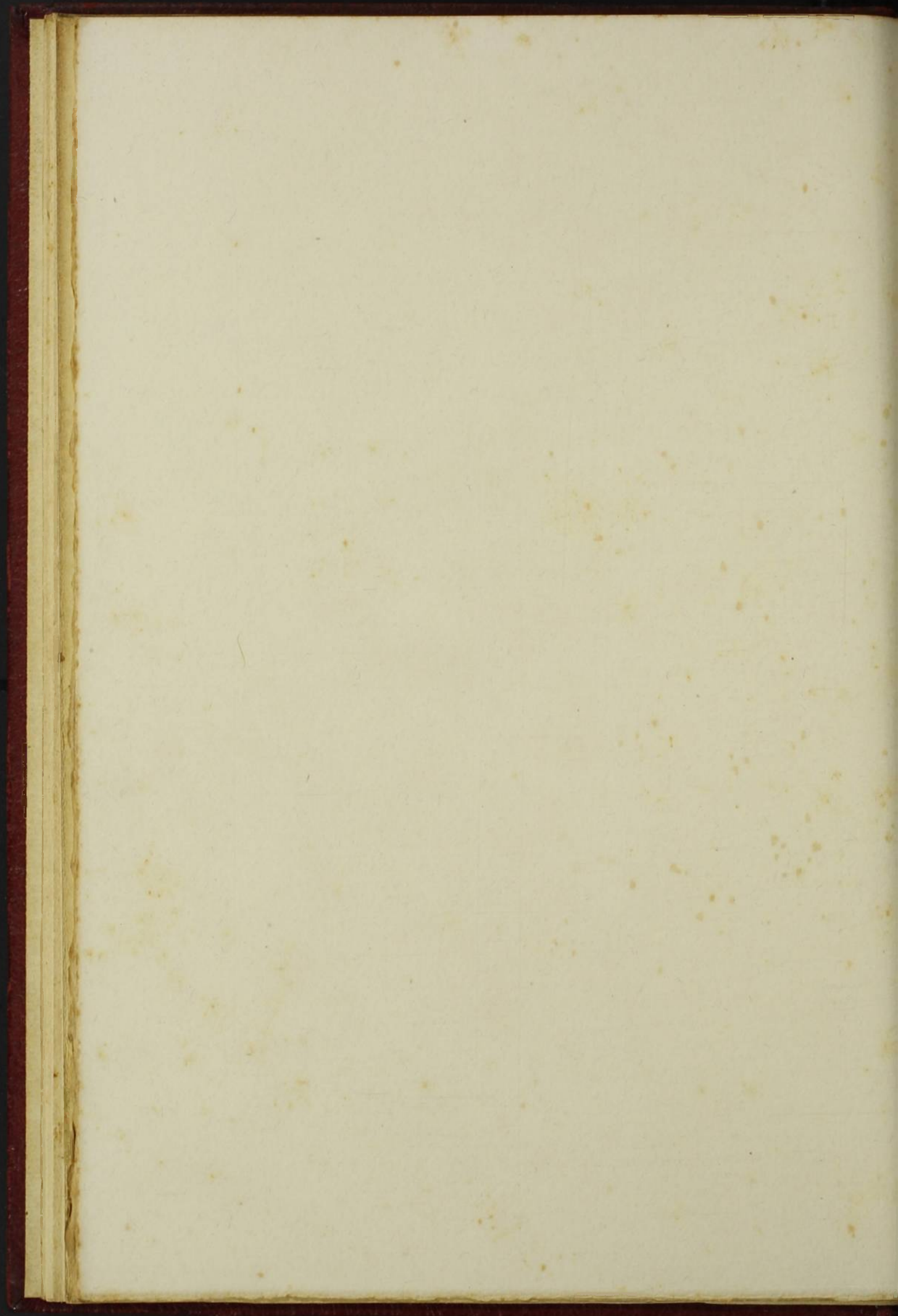


JOAQUIM CARDOZO

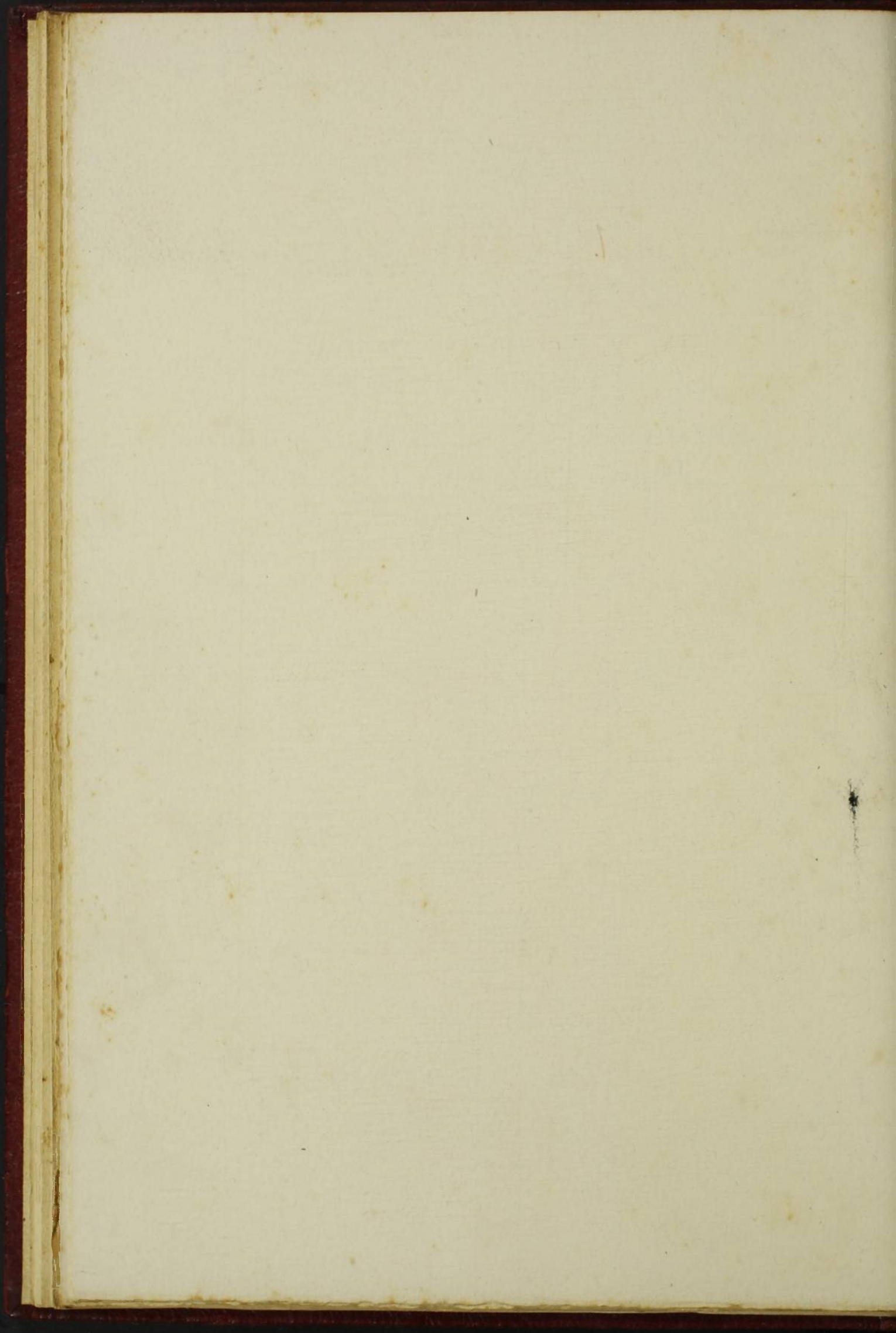
PEQUENA ANTOLOGIA
PERNAMBUCANA

S. B. Smith





PEQUENA ANTOLOGIA
PERNAMBUCANA

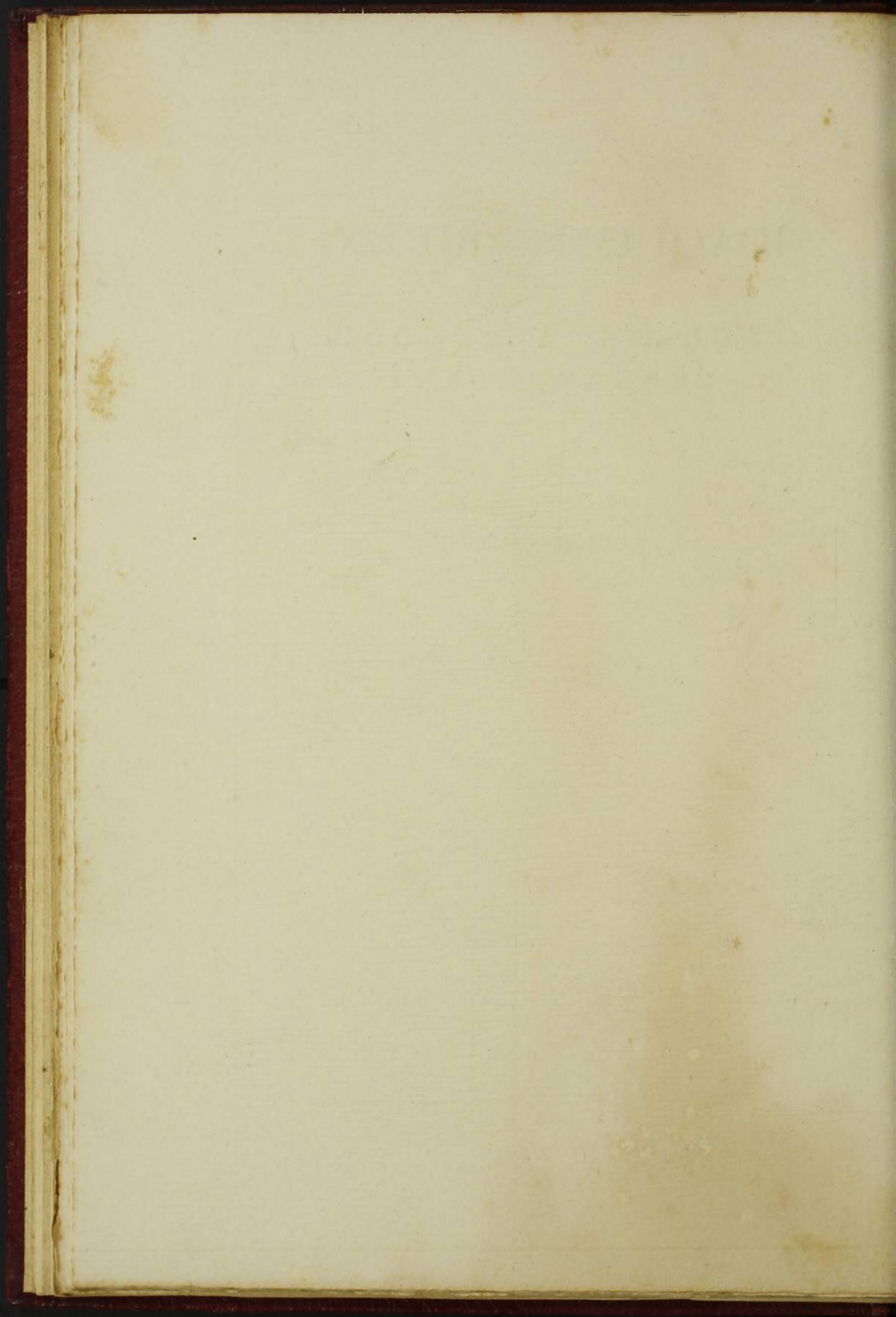


JOAQUIM CARDOZO

PEQUENA ANTOLOGIA
PERNAMBUCANA

*

O LIVRO INCONSÚTIL



ORDEM DA ANTOLOGIA

Imagens do Nordeste

Recordações de Tramataia

Terra do mangue

Canção

Cajueiros de Setembro

Dezembro

Chuva de caju

As alvarengas

1930

Olinda

Eu vi nascer as luas fictícias
que fazem surgir no espaço a curva das
marés
garças brancas voavam sôbre os altos mangues

de Tramataia.

Bandos de jangadas passavam sôbre os coqueiros doidos

de Tramataia.

E havia um desejo de gente na casa de
farinha e nos mucambos vasios

de Tramataia.

Todavia! Todavia!

Eu gostava de olhar as nuvens grandes,
brancas e sólidas
eu tinha o encanto esportivo de nadar e
de dormir.

Sôbre o capim orvalhado,
por baixo das mangabeiras,
há rastros de luz macia:
por aqui passaram luas,
pousaram aves bravias.

A terra do mangue é preta e morna
mas a terra do mangue tem olhos e vê.
Vê as nuvens, o céu
vê quando sobe a maré
vê o Progresso também
olha os automóveis que correm no asfalto
sente a poesia dos caminhões que passam
para a aventura das estradas
incertas e longas

. . .

As ondas do mar vieram seguindo a noite
desde lá de detrás dos horizontes
estendem-se agora cansadas na areia.
As sombras das árvores subiram do chão e
agasalharam-se nos ramos

. . .

Não há motivos, Margarida, para teres receios.
Olha através da porta do teu mucambo a
sombra da noite imóvel:
sob a perpétua luz das estrêlas frias e impassíveis
a terra do mangue está dormindo.

Idílio de amor perdido,
encanto de moça nua
na água triste da camboa;
em Junhos do meu nordeste
fantasma que me povoa.

VENHO para uma estação de águas nos
teus olhos;
ouves? É o rumor da noite que vem do mar
Meu amor.

Perto de mim o teu corpo cheirando a
flor de cajueiro.
Que saudades do sol. Do mar de sol.
Do nosso mar de jangadas.

Escuta:
a noite que vem cantando
vem do mar.

Para que eu voltasse tu me prometeste
novas carícias
no entanto o que me dás agora é ainda o
mesmo amor
de antigamente.

E depois estás mais velha.
Os teus olhos bruxoleiam.
Os teus lábios se apagaram.
Eu vou partir
As barcaças vão passando junto ao cais.
Eu vou partir, viajar.
Itapissuma. Goiana. Itamaracá.

Olha o verão que vem!
Viva o verão que vai chegar.
Viva a paisagem roxa dos cajueiros que
vão florir!
Eu vou partir, viajar.

Aza e flor do azul profundo,
primazia do mar alto,
vela branca predileta;
na transparência do dia
és a flâmula discreta.

És a lâmina ligeira
cortando a lã dos cordeiros,
ferindo os ramos dourados;
—chama intrépida e minguante
nos ares maravilhados.

E enquanto o sol vai crescendo
o vento recolhe as nuvens
e o vento desfaz a lã;
vela branca desvairada,
mariposa da manhã.

CAJUEIROS de Setembro,
cobertos de folhas côr de vinho,
anunciadores simples dos estios
que as dúvidas e as mágoas aliviam
àquêles que como eu vivem sòzinhos.

As praias e as nuvens e as velas de
barcaças
que vão seguindo além rumos marinhos
fazem com que por tudo se vislumbrem
luminosos domingos em Setembro,
cajueiros de folhas côr de vinho.

Presságio, amor de noites perfumadas,
cheias de lua, de promessas e carinhos,
vivas canções serenas e distantes,
cajueiros de sombras inocentes
debruçados à beira dos caminhos.

2

Velho calor de Dezembro,
chuva das águas primeiras
feliz batendo nas telhas;
verão de frutas maduras,
verão de mangas vermelhas.

FELIZ Dezembro!

Profusão de verdes novos

As cajazeiras tôdas se enfolharam

Sôbre os telhados voando as andorinhas;

Feliz Dezembro!

Como vai florido êste verão!

Sombra de nuvem corre pela estrada,
sombras de árvores curvando-se recuam,
rastejam:

negros escravos do sol;

eu vejo os subúrbios tranquilos,

a paz dominical entre os homens e as
coisas,

as casas brancas de telhados de biqueira
e fico a pensar e a sentir

dentro de minha tristeza espiritualizada

Tenho a suspeita de um talvez feliz

Vaga incerteza de um prazer antigo

Ah! desejo de lembrar coisa esquecida,

raras, remotas, imprecisas volúpias de se-
grêdo de saudade.

A minha casa amarela
tinha seis janelas verdes
do lado do sol nascente;
janelas sôbre a esperança
paisagem, profundamente.

Como te chamas pequena chuva incons-
tante e breve?

Como te chamas, dize, chuva simples e le-
ve?

Teresa? Maria?

Entra, invade a casa, molha o chão,
molha a mesa e os livros.

Sei de onde vens, sei por onde andaste.

Vens dos subúrbios distantes, dos sítios a-
romáticos

onde as mangueiras florescem, onde há ca-
jus e mangabas,

onde os coqueiros se aprumam nos baldes
dos viveiros

e em noites de lua cheia passam rondando
os maruíns,

lama viva, espírito do ar noturno do man-
gue.

Invade a casa, molha o chão,

muito me agrada a tua companhia,

porque eu te quero muito bem, doce chu-
va,

quer te chames Teresa ou Maria.

Abri as leves comportas
e as águas duras fundiram;
num sôpro de marezia
viveiros se derramaram
em noites de pescaria.

As alvarengas!

Ei-las que vão e vêm; outras paradas,
imóveis. O ar silêncio. Azul céu, suavemente.
Na tarde sombra o velho cais do Apolo.
O sol das cinco acende um farol no zimbório
da Assembléia.

As alvarengas!

Madalena. Deus te guie. Flor de zongue.

Negros curvando os dorsos nus
impelem-nas ligeiras.

Vêm de longe, dos campos saqueados
onde é tenaz a luta entre o Homem e a Terra
trazendo, nos bojos negros,
para a cidade,
a ignota riqueza que o solo vencido abandona
o latente rumor das florestas despedaçadas.

A cidade voragem
é o Moloch, é o abismo, é a caldeira...
Além, pelo ar distante e sôbre as casas,
as chaminés fumegam e o vento alonga
o passo de parafuso
e lentas

vão seguindo, negras, jogando, cansadas;
e seguindo-as também em curvas na água
propagadas,
a dor da Terra, o clamor das raízes.

Camarupim, Mamanguape,
Persinunga, Pirapama,
Sirinhaém, Jaboatão;
cruzando barras de rios
me perdi na solidão.

Me afastei sôbre a planície
das várzeas crepusculares;
vi nuvens em torvelinho,
estrêlas de encruzilhadas
nos rumos do meu caminho.

Na estranha madrugada
o homem alto, transpondo o portão da ve-
lha casa, depôs no chão frio
o corpo inanimado do seu irmão.
Da sombra das velhas mangueiras, por um
momento,
surgiram, curiosas, as sombras dos melho-
res heróis de Pernambuco antigo.
Sôbre o corpo caíam gotas de orvalho
e flores de cajueiro.

5

Salinas de Santo Amaro,
ondas de terra salgada,
revoltas, na escuridão,
de silêncio e de naufrágio
cobrindo a tantos no chão.

OLINDA,
das perspectivas estranhas,
dos imprevistos horizontes,
das ladeiras, dos conventos e do mar.

Olho as palmeiras do velho seminário,
o horto dos jesuítas;
e neste mar distante e verde, neste mar
numeroso e longo
ainda vejo as caravelas...

Sábio silêncio do Observatório
quando à noite as estrêlas passam sôbre
Olinda.

Muros que brincam de esconder nas
moitas,
calçadas que descem cascadeando nas la-
deiras.

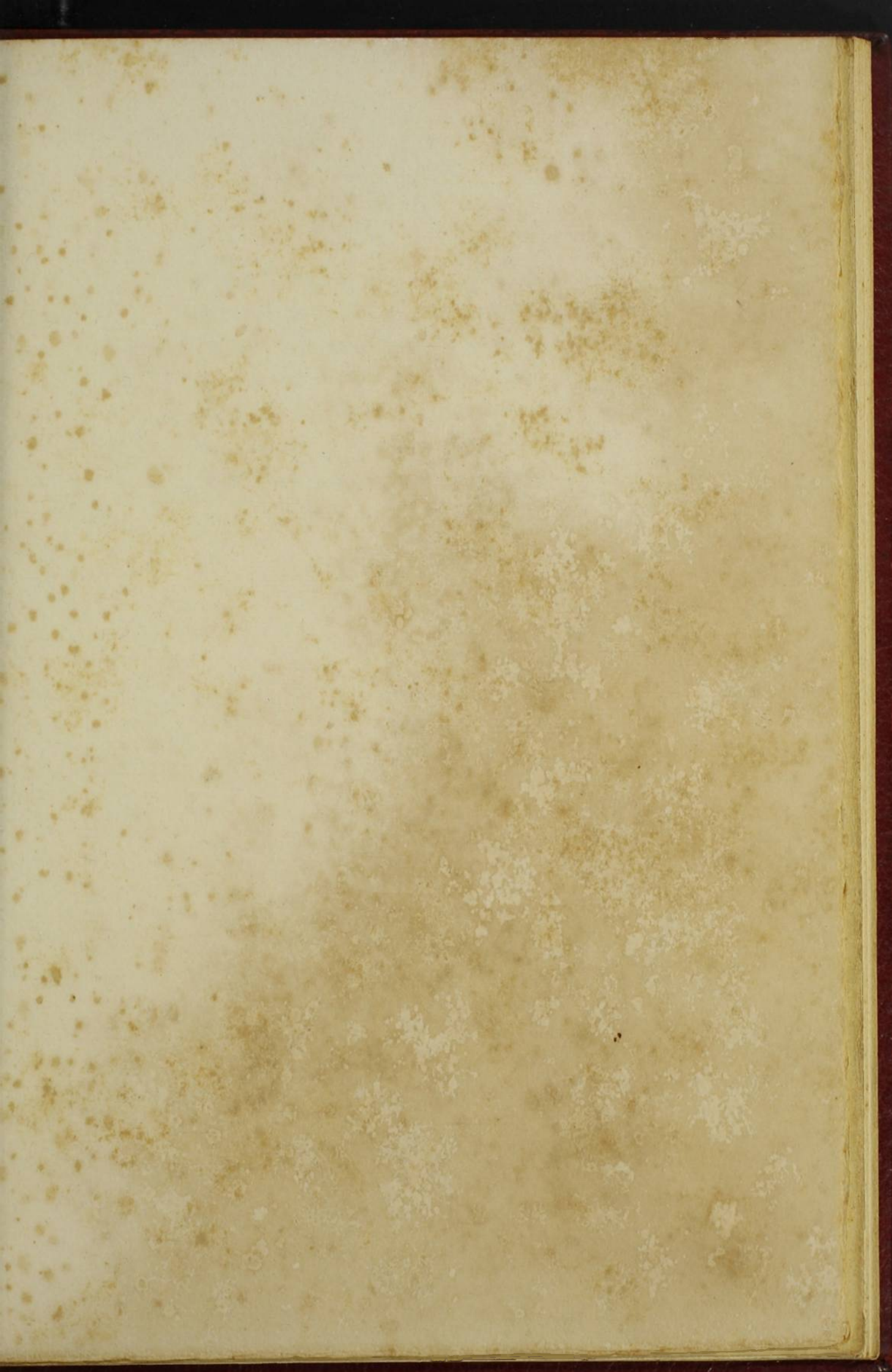
Olinda,
quando o luxo, o esplendor, o incêndio
e os Capitães-mores e os jesuítas
e os Bispos e os Doutores em Cânones e
Leis.

E ainda
com as velhas bicas, os velhos pátios das
igrejas:

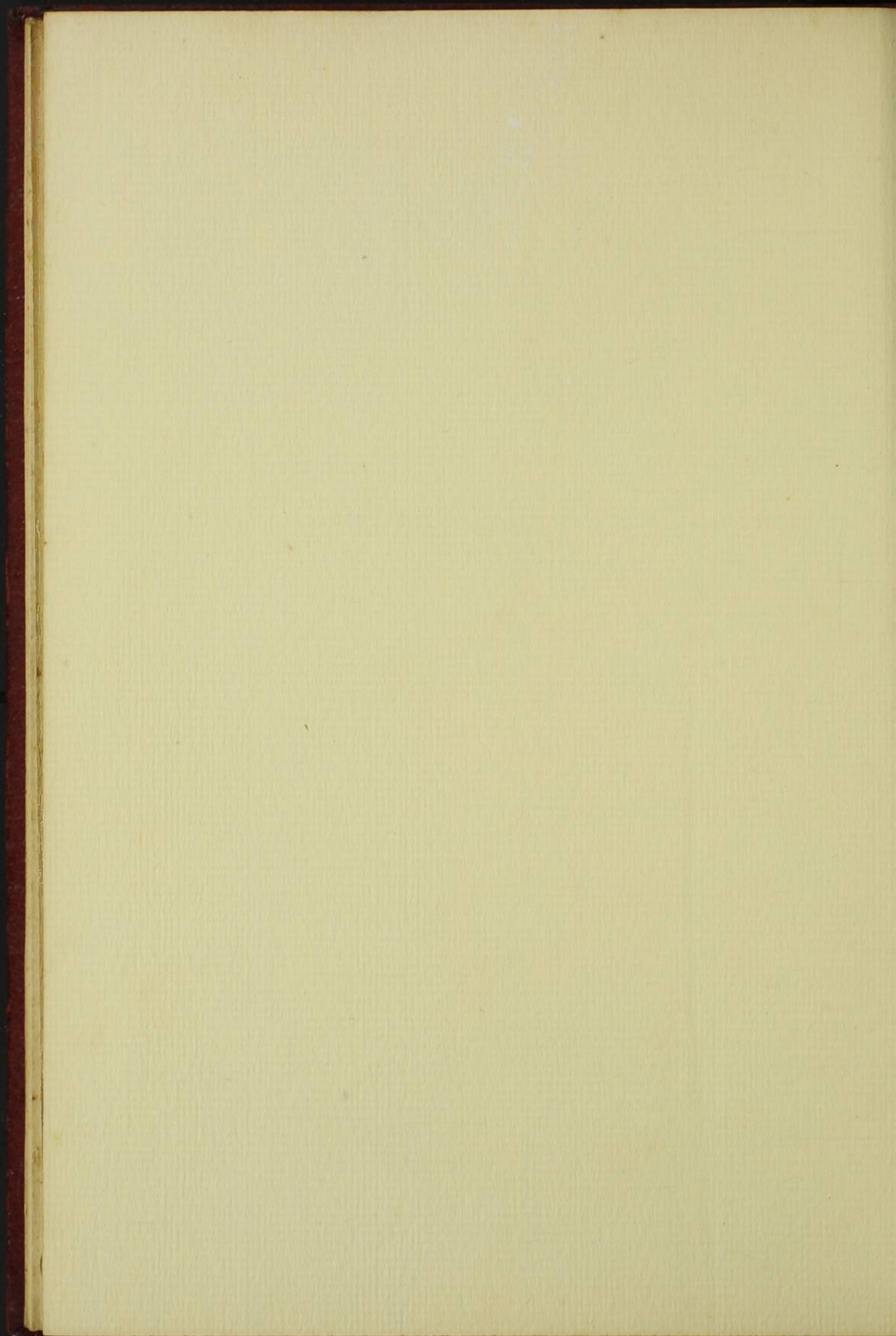
Terra crescida, plantada
de muita recordação.

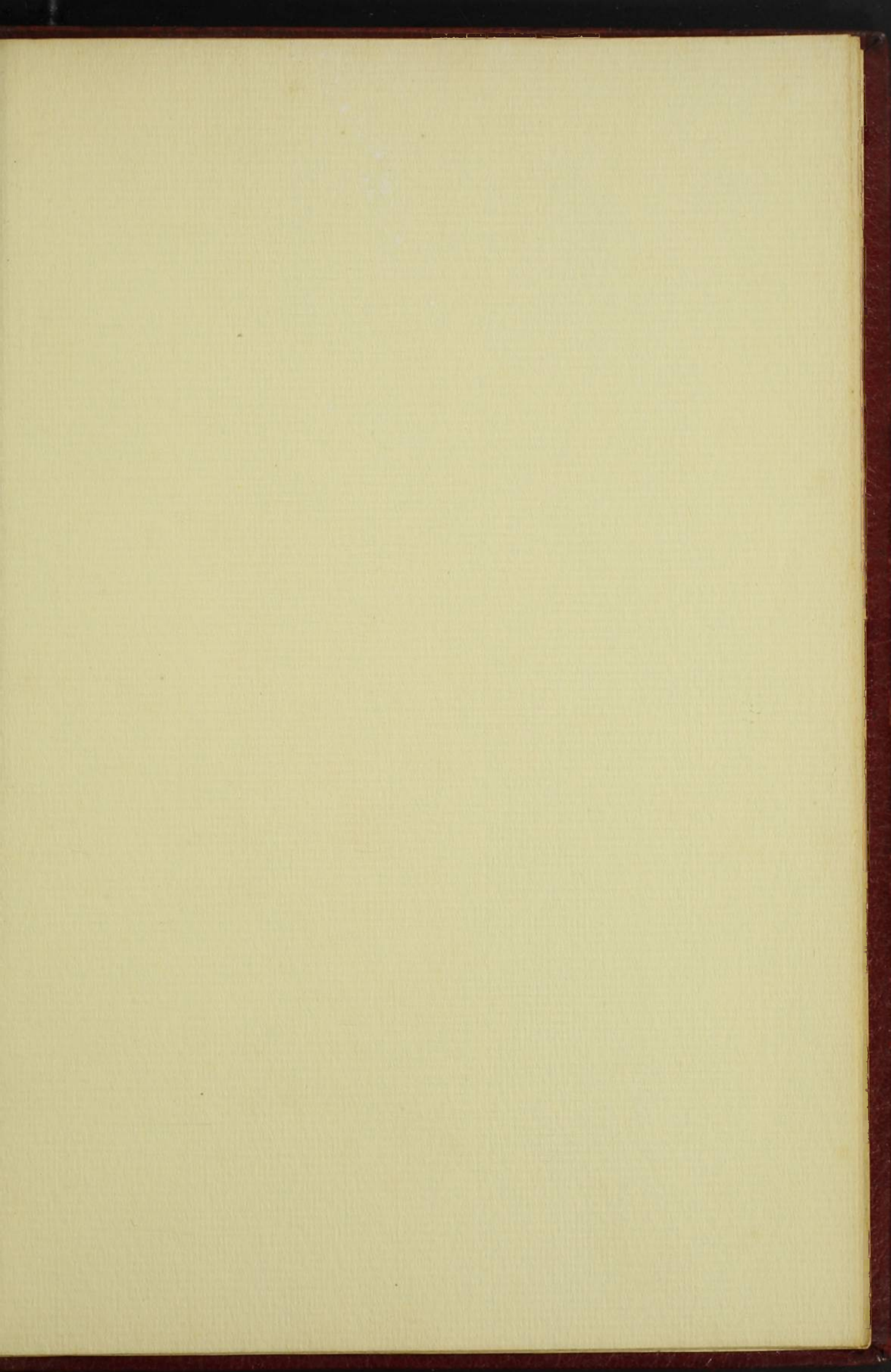
Amparo, Misericórdia, São João, São Pedro,
Nossa Senhora de Guadalupe;
e os beneditinos e as irmãs dorotéas
e os padres de São Francisco.

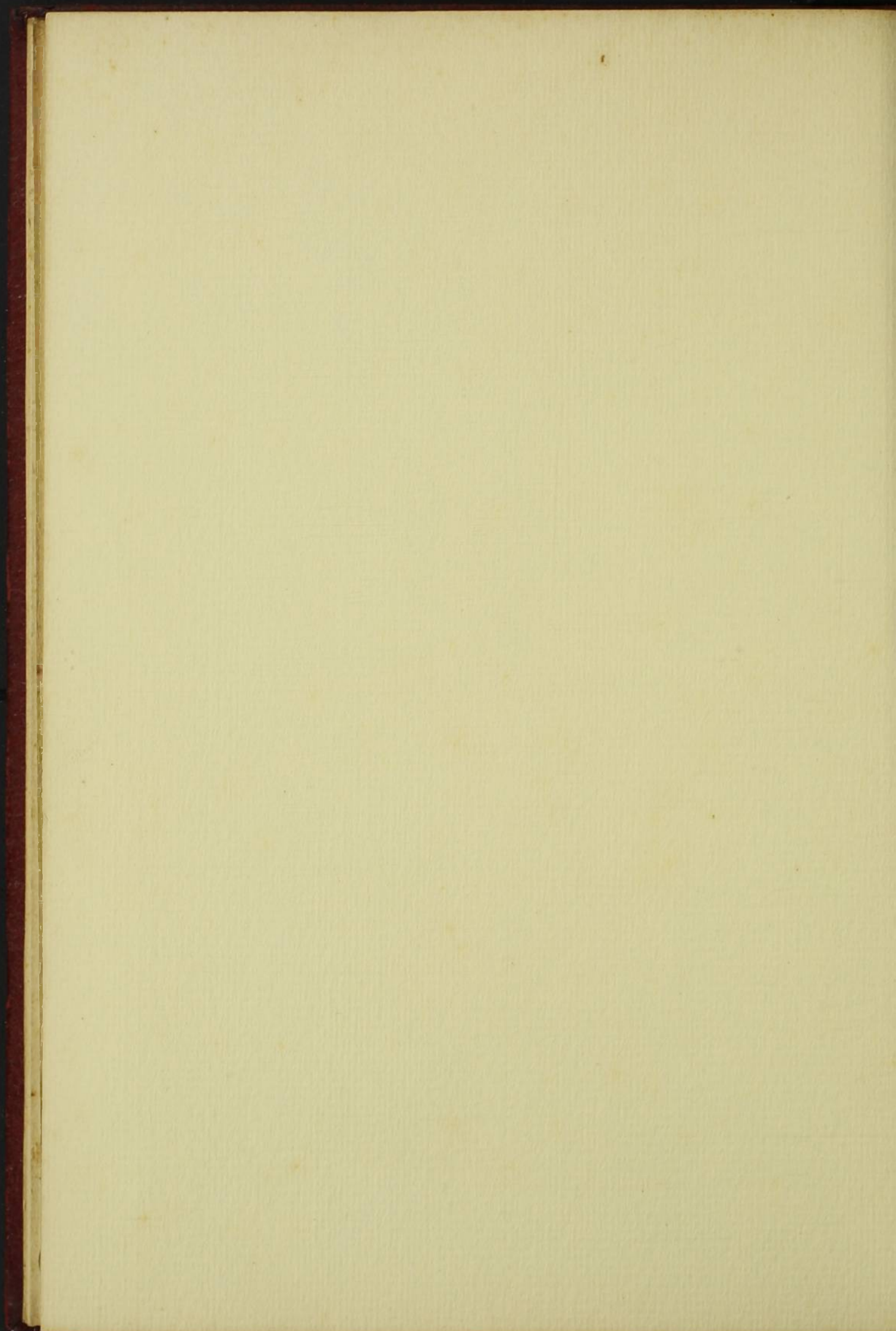
Neste silêncio, neste grande silêncio,
no terraço da Sé,
sentindo a tarde vir do mar, tão doce e
religiosa,
como a alma celestial de São Francisco de
Assis.

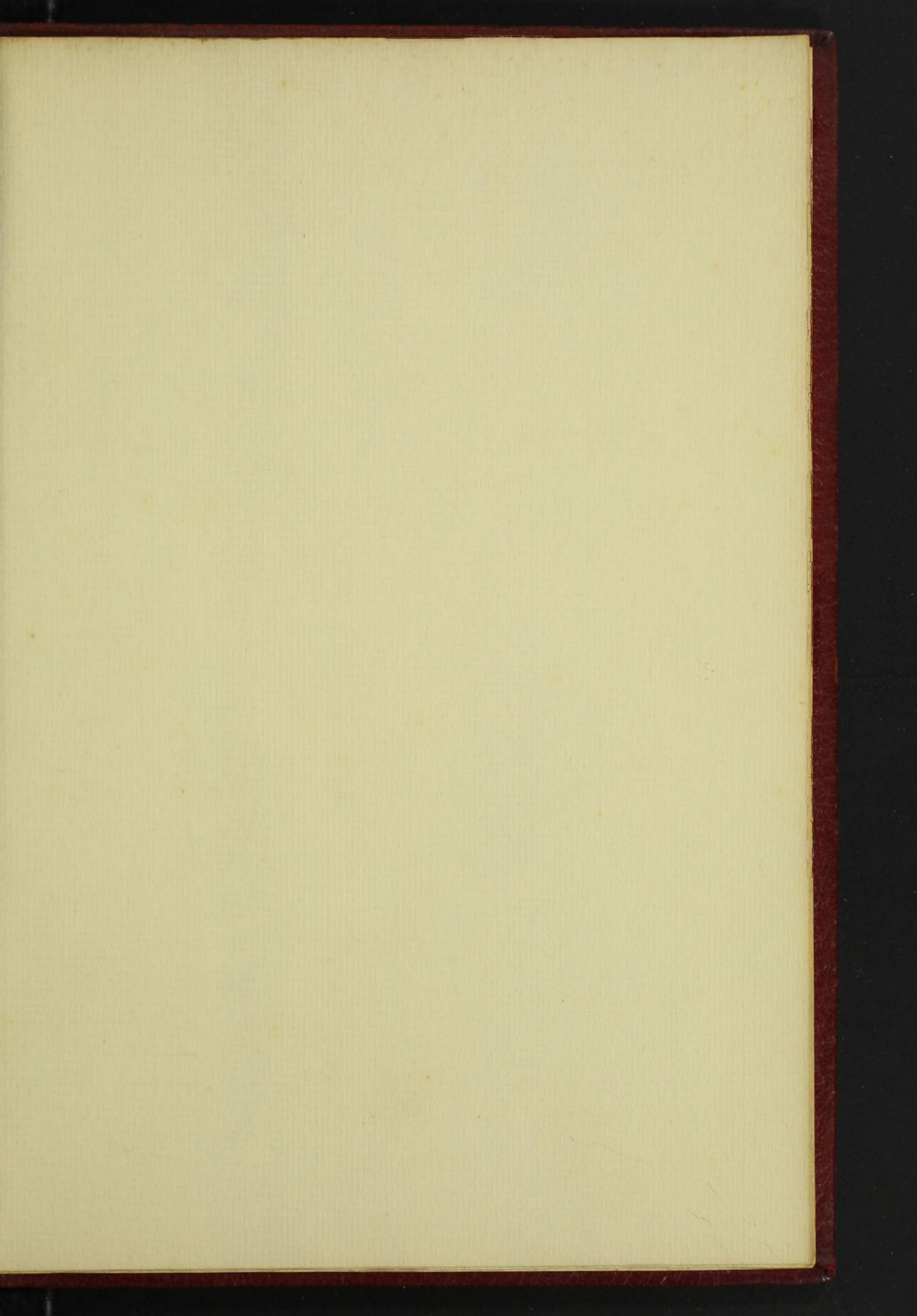


A presente edição desta pequena antologia de poemas de JOAQUIM CARDOZO, tirada a cem exemplares em papel de linho, foi realizada, como homenagem ao poeta em seus cinquenta anos, por João Cabral de Melo, que a compôs e imprimiu em Barcelona, em 1948.









13572

